

SOCIOLOGIA E FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: MAIS DE CEM ANOS DE LUTA

Sanderson Dias Bragança

O ensino de Sociologia no Brasil é marcado por um processo pendular de inclusão e exclusão da disciplina no ensino fundamental e médio. Fazendo uma breve análise cronológica, podemos dividir esta história em três importantes períodos: (1891-1941) período de sua institucionalização; (1941-1981) período de alijamento e (1982-2001) período de retorno gradativo.

A interpretação desses dados torna evidentes dois vetores influentes na inclusão ou exclusão das disciplinas de Sociologia e Filosofia nos currículos escolares: o contexto histórico e social; e o espírito de luta daqueles que acreditaram e/ou acreditam que estas disciplinas têm um papel importante e intransferível a desempenhar no ensino médio e fundamental do Brasil.

INSTITUCIONALIZAÇÃO (1891-1941)

Ano de 1889. Proclamação da República. O ideal republicano era latente entre os que assumiram o poder, o sentimento de republicanismo e a necessidade de disseminar no país uma nova idéia de nação, marcam o primeiro período da análise. Em 1891, pela primeira vez no Brasil é proposta na Reforma Benjamin Constant, a disciplina de Sociologia no ensino “secundário”.

O Brasil, ainda sob governo provisório, visava implementar a laicização dos currículos de todos os níveis escolares, e ainda, a constituição da identidade do “ensino secundário” como momento de formação básica geral dos adolescentes. A Sociologia surge neste momento não só como disciplina indispensável a esses interesses, mas também como uma das disciplinas obrigatórias e responsáveis pela preparação de advogados, médicos, engenheiros, arquitetos (cursos intitulados complementares) e professores (curso normal). A implantação da Sociologia nesse período fundamentava-se pela crença em seu pensamento renovador por parte daqueles que eram os responsáveis pelos projetos pedagógicos nacionais, e também pela convicção, por parte daqueles que lutaram pela sua institucionalização de que tanto a Sociologia quanto a Filosofia teriam muito a contribuir para o desenvolvimento em seus jovens estudantes de um novo ideal de nação, de progresso, de capacidade de interpretação e intervenção em sua própria realidade, do pensamento crítico e da individuação.

ALIJAMENTO (1942-1981)

O segundo período tem suas configurações determinadas pelo regime ditatorial que se inicia com a decretação do Estado Novo em 1937, e pelo autoritarismo militar instaurado pelo golpe de 1964. Em 1941 a Reforma Capanema retira a obrigatoriedade da Sociologia nos cursos secundários, afora o curso normal. Fato que demarca o início do segundo período.

Assim, tanto na ditadura Vargas quanto na ditadura militar, foram utilizados mecanismos pedagógicos semelhantes, até porquê, seus objetivos eram os mesmos, quais podemos resumir como sendo: “formar indivíduos com espírito de patriotismo e civismo, fortalecendo assim a unidade nacional e o culto da obediência à lei”.

Desta forma, o papel da ciência na formação dos jovens brasileiros neste período deveria ser somente o de possibilitar o domínio de técnicas para a melhoria do processo de trabalho, e não o domínio de técnicas de pesquisa para a investigação da realidade social brasileira.

Sendo assim, a idéia difundida pela Escola Nova na década de 20, de que a Sociologia no ensino “secundário” serviria para a formação de indivíduos com capacidade de questionar, investigar e compreender a realidade social foi, decerto, assaz para que as autoridades educacionais dos regimes ditatoriais decidissem pelo seu alijamento.

Deste modo, fica claro que a disciplina de Sociologia no período ditatorial era, para as autoridades, mais do que desnecessária, era impertinente, indesejável.

Embora neste período a Sociologia tenha se ausentado, os trabalhos para sua reinserção no ensino médio não cessaram. Em 1949, no Simpósio “O Ensino de Sociologia e Etnologia” seu retorno foi defendido por Antônio Cândido. E em 1955, no Congresso Nacional de Sociologia Florestan Fernandes discute as possibilidades e os limites da Sociologia no ensino médio.

RETORNO (1982-2001)

O último período da análise traz algumas curiosidades. Permanece a luta pelo retorno, definitivo, na forma de disciplina obrigatória, porque indispensável, tanto da Sociologia quanto da Filosofia ao ensino médio. E com sensatez, rechaça-se a idéia de “diluição” dos conteúdos de ambas ciências em outras áreas do saber tais como a História e a Geografia, disciplinas que se entende ser tão indispensáveis quanto a Sociologia e a Filosofia, mas por suas especificidades, não como um “sobrado” onde – como querem alguns – seriam lançados de modo estéril teorias e conceitos sociológicos e filosóficos. Não se preconiza a fragmentação do conhecimento, muito pelo contrário, acredita-se não só na importância, mas nas possibilidades da interdisciplinaridade e do trabalho transversal dos temas-pilares seja da LDB, seja dos PCNs, seja da UNESCO, que têm por fim, o exercício pleno da cidadania, direito de todos. Contrários a fragmentação, a luta é marcada pela tentativa de se oferecer aos educandos um ensino de boa qualidade, e pelo desejo de garantir de modo institucional enquanto cientistas sociais e por meio da educação, uma cota de contribuição direta, empregando os conceitos, métodos e tecnologias que são específicos às Ciências Sociais, no processo de formação social do Brasil.

Contextualizando alguns fatos, com a abertura democrática intensificaram-se as lutas pela Sociologia e Filosofia no ensino médio, e importantes vitórias foram alcançadas. Em 1982 a Lei 7.044 de 18 de Outubro torna a optativa para as escolas a profissionalização no ensino médio. Vale ressaltar que em 1971 a Reforma Jarbas Passarinho tornou o ensino médio profissionalizante, e retira a obrigatoriedade da Sociologia na formação de

professores, acabando assim com qualquer possibilidade de atividade docente nesta área naquele período histórico. Em 1986, a secretaria de educação do estado de São Paulo, realizou concurso público para admissão de professores de Sociologia, fato que resultara de toda uma movimentação que ficou marcada pela mobilização da categoria em torno do “Dia Estadual de Luta Pela Volta da Sociologia ao 2º Grau” em 1983, promovida pela Associação dos Sociólogos. E ainda, em Minas Gerais, a Universidade Federal de Uberlândia incluiu, em 1997, a Sociologia, a Filosofia e a Literatura como disciplinas constantes tanto do vestibular tradicional como do PAIES (Programa Alternativo de Ingresso no Ensino Superior). Outras vitórias, não menos importantes, também vieram, caso do Rio de Janeiro (1989), Distrito Federal (1985), Pará (1986), Pernambuco, Rio Grande do Sul, entre outros estados, em que a disciplina de Sociologia passou constar em seus currículos escolares.

As mencionadas curiosidades ficam por conta de que hoje, não mais vivemos sob um regime autoritário, mas democrático, que não necessariamente significa liberdade, haja vista que o que caracteriza propriamente a democracia não é a liberdade, mas o sufrágio. Temos então no poder não um déspota ditador, mas um sociólogo, que não obstante, já entrou para história política do Brasil como o Presidente que mais lançou mão de medidas provisórias, uma das heranças do período ditatorial. Muito embora seja possível relatar uma série de curiosas incongruências, me deterei, para manter o foco da análise, em recordar apenas a mais recente, o veto ao projeto de lei que tornaria obrigatória as disciplinas de Sociologia e de Filosofia no ensino médio. Veto este, que se baseou em inconsistentes argumentos tais como a falta de profissionais e o custo da medida, evasividade típica de subterfúgios.

Longe de ser saudosista ou de fazer comparações descabidas, e muito mais próximo de tentar ser animador, recordo as batalhas travadas por ícones das Ciências Sociais. Durkheim, imortalizado por obras que são, sem dúvida alguma, cânones da Sociologia, lutou intensamente pelo espaço que hoje esta dispõe no meio acadêmico e científico. Sua principal obra, “As Regras do Método Sociológico”, foi a responsável pela convulsão interdisciplinar que golpeou inapelavelmente seus adversários, e finalizou seu trabalho de ruptura, fundação e conquista. Num período histórico não muito favorável, Durkheim foi arrojado. De uma só vez, descreveu o método, e definiu a Sociologia como sendo “esse modo de pensar que se declara disposto a penetrar o desconhecido”. Ressalta a obrigatoriedade de nos afastarmos das “prenoções”, e de nos despedirmos das nossas habituais maneiras de “pensar, sentir e agir”. Peremptoriamente, o método sociológico, declara Durkheim, é esse “ponto de vista disciplinador”, é exilar-se de si mesmo. À guisa de complemento, nas décadas de 20 e 30, personagens como Gilberto Freire, Fernando de Azevedo, Delgado de Carvalho, Roger Bastide, Donald Pierson, Carneiro Leão, também lutaram e foram vitoriosos, neste caso, pela “introdução da Sociologia no ensino secundário e normal e pela mobilização favorável a fundação dos cursos superiores de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo e na Universidade do Distrito Federal” (1). Conquanto tenha sido citado anteriormente, é válido lembrar que atualmente êxitos consideráveis também foram consubstanciados. E é muito importante perceber a presença de associações, de grupos de trabalho, de colegiados, de alunos, de professores, de políticos e demais tributários nesta luta.

Não tenho aqui a intenção de discutir questões ideológicas, ou de defender ou criticar a validade de quaisquer métodos. Não levanto bandeira neo-durheimiana, muito menos se trata de tentar mitificar outros intelectualmente respeitáveis cientistas sociais. Tenho apenas a intenção de trazer a memória, que as lutas, fazem parte da história das Ciências Sociais, e suas vitórias, estão descritas em muitas de suas páginas. A luta de hoje é tão honrosa, quanto outras que passaram, e decerto, quanto outras que virão. Não chegou a ser um golpe (inapelável como o de Durkheim aos seus adversários), o veto por parte do nosso Presidente. Para alguns, o veto já era até esperado. Muitos ressaltam a contradição de um sociólogo vetar a inclusão da Sociologia e da Filosofia no ensino médio, e têm razão, pois embora a contradição seja uma força propulsora e pertinente às Ciências Sociais, lhe é também traço marcante o seu caráter discursivo, e nos estranha não no Presidente, mas no sociólogo, tamanha pobreza de argumentos. É difícil decidir o que é pior, se acreditar que realmente se trata de debilidade na construção e verbalização dos motivos que levaram ao veto, ou se o que vimos representa nada menos que o mais completo descaso.

Marx escrevera em “O Dezoito Brumário” que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. Os homens a que Marx faz referência representam as classes, que em conflito movimentam a história, e fazem acontecer. Quando as classes evitam o confronto, Marx afirma se tratar de um período improdutivo, “sem relevância” da história, marcado por “paixões sem verdade, verdades sem paixões, heróis sem feitos heróicos, história sem acontecimentos; desenvolvimento cuja única força propulsora parece ser o calendário (...)”. As “circunstâncias” sob as quais se encontra a luta de hoje, não foram escolhidas, mas são as que se deve defrontar diretamente. Assim, cabe fazer uma pergunta: Qual a história de amanhã que hoje se pretende fazer acontecer? (...).

Tornar obrigatório o ensino de Sociologia e de Filosofia no ensino médio, é tão importante quanto sua legitimação por parte da sociedade, outro desafio que gradativamente vem sendo superado. Mais do que ornamentações pedagógicas, ou meros limbos curriculares, a docência destas disciplinas vem para contribuir de modo específico e peculiar junto às demais disciplinas para construção de uma sociedade reflexiva, investigadora de seu meio, e capaz de problematizar sua própria realidade. Decerto não só é possível, embora não simples, mas imprescindível, apresentar aos educandos esse “modo de pensar, de sentir e de agir”. Não se trata de querer formar sociólogos no ensino médio, muito menos no fundamental. No entanto o que se tenta não é nada impossível ou utópico, pois a Sociologia e/ou a Filosofia não têm a pretensão de ser (como acreditava Mário de Andrade, entre outros pensadores em meados da década de 20/30) “a arte de salvar rapidamente o Brasil”. As intenções não são tão ambiciosas, ou absurdas. Busca-se somente, empregando seus conceitos e métodos apenas facilitar e possibilitar ao educando, que ele consiga despertar em si mesmo um novo foco de seu próprio meio, e daí exercitar o início de um pensamento crítico e/ou reflexivo que o leve a perceber em alguns antes desimportantes detalhes, fatos ou frases, as contradições, as desigualdades, a realidade a sua volta e que assim ele possa se perceber em seu grupo, como parte deste grupo, se individualizar, se compreender e compreender as diferenças, busca-se não mais que favorecer a cidadania, a tolerância, a coesão e o desenvolvimento social.

A história de amanhã que se tenta escrever hoje, é a de uma comunidade coesa, de uma sociedade que compreende suas diferenças, que é capaz de problematizar seu meio, que luta por seus ideais próprios de progresso, pela cidadania, e contra a intolerância, o individualismo e o etnocentrismo. A Sociologia e a Filosofia vêm com o modesto, porém probo intuito de trabalhar junto às demais disciplinas para o desenvolvimento do educando, e da comunidade. Para alcançar o que se almeja não há truques, e nem se desdobrará por encanto. A luta prossegue, e a cidadania agradece.

(1) - (Meucci, Simoni. *A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos*. Campinas, UNICAMP, 2000).

Texto de apoio: “AS Representações Sociais de Ciência e Sociologia dos Professores de Sociologia da Rede Pública de Distrito Federal”, capítulo 2, “Conhecimento, Sociologia e Reformas Educacionais”.

Sanderson Dias Bragança é aluno finalista de licenciatura plena em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo e atuou como professor de História e Geopolítica no ensino fundamental e médio.

e-mail: sandersondb@ig.com.br / sandersondb@hotmail.com

Telefones: (27) 3359-4000 / 3359-4020 / 9994-1616